



ELEIÇÕES

Chumbo trocado entre Poderes

Bolsonaro convoca militares e civis a lutarem por "liberdade". Fachin quer compromisso enfático de respeito ao resultado das urnas

» INGRID SOARES
» LUANA PATRIOLINO

O presidente Jair Bolsonaro (PL) mostrou que não pretende arrefecer os embates com o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), com os quais tem medido forças por causa das eleições de outubro e da condenação à prisão do deputado **Daniel Silveira** (PTB-RJ). O chefe do Executivo defendeu, ontem, as Forças Armadas e atacou novamente as duas Cortes. No mesmo dia, porém, o presidente do TSE, ministro Edson Fachin, enfatizou que não cederá a pressões. "Diálogo, sim, joelhos dobrados por submissão, jamais", frisou o magistrado.

Em evento de formatura na Academia de Polícia Militar do Barro Branco, em São Paulo, Bolsonaro afirmou que estão tentando "roubar nossa liberdade". "Nós, pessoas de bem, civis e militares, precisamos de todos para garantir a nossa liberdade, porque os marginais do passado usam hoje outras armas, também em gabinetes, com ar-condicionado, visando roubar a nossa liberdade", discursou. "Nós, Forças Armadas, nós, forças auxiliares, não deixaremos que isso aconteça. Nós defendemos a nossa Constituição, a nossa democracia e a nossa liberdade. Esse exército de pessoas de bem, civis e militares, deve se unir para evitar que roubem a nossa liberdade."

Sem citar nomes, Bolsonaro disse que há pessoas tentando coibir a liberdade de expressão, em uma referência a Daniel Silveira, condenado pelo STF a oito anos e nove meses de prisão por atos antidemocráticos e ameaças a ministros da Corte e a instituições. Menos de 24 horas depois da sentença do Supremo, o chefe do Executivo concedeu indulto ao parlamentar. As declarações do presidente também se reportam aos inquéritos das fake news e das milícias digitais, em tramitação no STF.

Desde que assumiu o governo, Bolsonaro acusa fraudes no sistema eleitoral, sem nunca ter apresentado provas. Ele insinua que a Justiça Eleitoral pode manipular

Mourão critica STF

O vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos) disse ver com "extrema preocupação" as recentes decisões do STF. De acordo com ele, a condenação do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), por exemplo, foi um "verdadeiro ataque à democracia". "A lei é para nós, cidadãos comuns. Temos de entender o que podemos e o que não podemos fazer. A partir do momento que o magistrado A interpreta a lei de uma maneira, e o magistrado B, de outra maneira, a gente não sabe mais o que fazer, e é isso o que vem acontecendo", comentou o vice, em entrevista, ontem, à Rádio Guaíba. Ainda de acordo com ele, o Judiciário se encheu de "poder" ao julgar parlamentares envolvidos em corrupção.

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Evaristo Sa/AFP



Fachin faz defesa enfática do sistema eleitoral. Bolsonaro diz que "marginais em gabinetes com ar-condicionado" tentam roubar liberdade



A ninguém, portanto, a nenhuma instituição ou autoridade, a Constituição atribui poderes que são próprios e exclusivos da Justiça Eleitoral. Não permitiremos a subversão do processo eleitoral"

Edson Fachin,
presidente do TSE

não tenham dúvida: para remover a Justiça Eleitoral de suas funções, terão que, antes, remover este presidente da sua presidência. Diálogo sim, joelhos dobrados, jamais", sustentou.

Fachin também destacou que "quem ama a democracia não propaga conflito". "As eleições são ferramentas substitutivas do conflito, por isso mesmo é mandatário que prevaleça o senso de responsabilidade institucional, que anima a base constitucional do nobre compromisso de todas as instituições, todas, sem exceção, a serviço da democracia brasileira".

O magistrado também mencionou ataques à imprensa e a atuação de milícias digitais. "Dizem que falo de fantasmas. A violência tem gênero e grau. A violência no Brasil é trágica. A

desinformação tem nome e origem. Não é um fantasma. Assistimos quase incrédulos à normalização de ataques às instituições, impulsionados por práticas de desinformações", ressaltou. Na quinta-feira, Bolsonaro disse não saber "de onde ele (Fachin) tira esse fantasma de que as Forças Armadas querem intervir na Justiça Eleitoral".

Também participante do evento na Bahia, o ministro Luís Roberto Barroso, do STF, afirmou que a democracia passa por um "processo de erosão por todo o mundo" e disse ser preciso trabalhar para restabelecê-la.

Barroso citou países como Hungria, Polônia, Turquia, Rússia, Filipinas, Venezuela, Nicarágua e El Salvador como governos autoritários, além das "turbulências" recentes nos Estados

Unidos e no Reino Unido. Sem citar o Brasil ou o nome de Bolsonaro, destacou que é preciso autocrítica de democratas para um restabelecimento do sistema no mundo.

"Essa ascensão de um processo autoritário e populista se dá por insuficiências da própria democracia. Por isso, os que defendem a democracia precisam identificar e trabalhar para restabelecer essa crença que une a todos", disse. "Temos de restabelecer o mínimo de honestidade intelectual, o mínimo de honestidade aos fatos. O filme da democracia brasileira é bom. Às vezes, a fotografia é assustadora, mas o filme é bom. Eu tive cuidado de não dizer nada polêmico aqui porque os tempos não estão para polêmica", acrescentou.

Pacheco trabalha na blindagem do Judiciário

Roque de Sá/Agência Senado



O presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco, tem rebatido ataques ao STF e ao TSE

» RAPHAEL FELICE

O presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), tem atuado como um aliado do Judiciário contra os ataques do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

O parlamentar usou as redes sociais, ontem, para defender o Estado democrático de direito. "É inacreditável que em 2022, com todos os problemas que temos no país, ainda seja necessário defender a democracia dos diversos ataques. A democracia é a única forma de convivermos de forma harmônica e avançarmos como nação. Não há outro caminho aceitável", escreveu.

Nas últimas semanas, o senador subiu o tom na defesa das eleições e rebateu ataques do chefe do Executivo.

Em 14 de abril, Bolsonaro disse que as urnas eram "penetráveis" e

afirmou que as "Forças Armadas estavam cuidando disso". Quatro dias depois, Pacheco se reuniu com o presidente do TSE, Edson Fachin, e destacou haver "um alinhamento importante do Senado e da Justiça Eleitoral". Ainda elogiou o trabalho da Corte.

No dia 27 do mesmo mês, durante o evento no Planalto, o presidente sugeriu suspeição das eleições se "ocorrer algo anormal". No dia seguinte, o senador enfatizou que "não tem cabimento levantar qualquer dúvida sobre as eleições".

Em 5 de maio, o chefe do Executivo anunciou que o PL contrataria uma empresa para auditar os votos de outubro. Novamente, no dia seguinte, o presidente do Senado ressaltou que a responsabilidade pelo processo eleitoral cabe ao TSE e que a segurança das urnas era "um tema superado".

Na avaliação de André César,

cientista político sócio da Hold Assessoria Legislativa, os acenos de Pacheco ao STF e ao TSE, "em tempos normais", seriam considerados naturais dentro do processo eleitoral, mas se tornam valiosos, uma vez que há "uma tentação autoritária" por parte do governo Bolsonaro.

"Neste momento de crise, Pacheco chama o jogo para si e vem ganhando espaço. É o agente que vem falando mais grosso. Nessa defesa, ele pauta o Judiciário, a imprensa", avaliou. "Apesar de o STF ser alvo dos ataques, Pacheco falou mais grosso que Fux."

Já para o professor de ciência política Valdir Pucci, Pacheco pensa a longo prazo. "Ele faz essas declarações e se coloca nessa posição de apoiar e defender o Judiciário contra os ataques de Bolsonaro, talvez, porque esteja projetando mais à frente, para as eleições de 2026 ou até 2030", destacou.